

**PAUTA DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DO BRASIL PARA OS PAÍSES DA UNIÃO
ECONÔMICA MONETÁRIA OESTE AFRICANA NO PERÍODO DE 1996 A 2005.¹**

Totas António João Correia
Graduação em Ciências Econômicas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Endereço Eletrônico: joaototas@yahoo.com.br

Prof Dr. André Lourenço
Departamento de Economia da UFRN
Programa de Pós-Graduação em Economia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

¹ Os autores gostariam agradecer Adulai Balde estudante de Economia da UFRN e Maria Betânia Monteiro da Rocha pela colaboração especial no trabalho.

RESUMO

Objetivo do estudo é explorar os dados sobre as relações comerciais entre o Brasil e a UEMOA (União Econômica Monetária Oeste Africano) para o período 1996-2005. O principal objetivo consiste em verificar se o grau de concentração presente nas pautas de exportação e importação entre esses países implica vulnerabilidades das economias da UEMOA a mudanças de produção e preços em mercados específicos. Para medir o grau de concentração das pautas de exportação e importação, foi utilizado o índice de Herfindhal-Hirschman - que pode variar de 0 (ausência da concentração) a 1 (concentração total). Os dados são coletados junto ao sistema ALICEWB. Verificou-se alto índice de concentração tanto para as exportações quanto para as importações, embora estas últimas apresentem uma maior concentração quando comparada à das primeiras. Comparando estes valores com os das exportações por produto do México em 2005 conclui-se que são mais concentrados.

Palavra Chave. Exportações ; Importações; Brasil; UEMOA; IHH.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa os fluxos de comércio Brasil -UEMOA¹ no período de 1996 a 2005, considerando a problemática de que os países primário-exportadores apresentam via de regra pautas de exportação fortemente concentradas em pequeno número de produtos primários. Será que os países da UEMOA também apresentam tal perfil? Em caso positivo, será que tal característica acarreta problemas econômicos e sociais? A hipótese central deste trabalho é que a economia dos países da UEMOA apresentam características comuns aos primários – exportadores, e tais características fazem com que suas economias apresentem significativa vulnerabilidade externa. O presente trabalho justifica-se pelo pequeno número de trabalhos destinados a estudar a

relação entre os países da UEMOA e o Brasil, em especial suas relações comerciais, bem como pelo fato de permitirem apreender características importantes das economias sob análise.

Os dados utilizados foram obtidos na base dos dados de ALICEWEB², que possibilitou obter evidências sobre tais características a partir do exame das relações comerciais bilaterais Brasil-UEMOA; ainda foi utilizado o índice HHI (Herfindahl-Hirschman), para o cálculo do grau de concentração das pautas de exportações e importações da UEMOA em suas relações com o Brasil; por outro lado, foi feita a comparação dos índices HHI obtidos com os de outros países, de forma a avaliar o grau de vulnerabilidade relativo das economias sob análise.

Visando atingir tais objetivos o presente trabalho foi estruturado em 4 itens, sendo esta introdução como nº 1. O item 2 destaca os aspectos teóricos e metodológicos que serão aplicados como base e ferramenta de análise, dentre os quais destacam-se o modelo de Heckscher-Ohlin e o índice de Herfindahl-Hirschman. Os resultados empíricos serão abordados no item 3, destacando os aspectos da concentração dos produtos exportados e importados. Por último o item 4 descreve-se as considerações finais.

2 O MODELO HECKSCHER-OHLIN

O modelo de Heckscher-Ohlin representa, de acordo com Caves, (*et alli*, 2001), uma teoria do comércio internacional, desenvolvida no início do século XX, por dois economistas suecos, Eli Heckscher e Bertil Ohlin. Ele destacava as diferenças internacionais entre dotações de categorias abrangentes dos fatores produtivos: trabalho, capital e terra –nenhum dos quais pode ser setor específico³. O modelo ficou conhecido como 2X2X2 (dois por dois por dois) porque analisa a interação de duas economias que produz em dois bens com uso de dois fatores de produção.

Para análise do modelo, partimos das seguintes premissas:

1. Dois países N e S produzem os mesmos dois produtos, em um mercado competitivo domesticamente. Cada produto é produzido separadamente empregando dois fatores de produção, trabalho e capital, cujas notações são respectivamente L e K para o país S e L* e K* para o país N. A oferta destes no interior de cada país é perfeitamente inelástica⁴.

2. A tecnologia empregada pelos dois países é idêntica e tem retornos constantes de escala⁵.
3. Cada país tem dotação distinta de fatores de produção. O país S tem maior dotação relativa do fator trabalho. Se chamarmos de w o preço de L em S , e w^* o preço de L^* em N , a maior dotação relativa de L pode ser determinado pelo fato de que, em autarquia, $w < w^*$.
4. Cada país compartilha padrões de preferências idênticos e homotéticos⁶ (...)
5. Não apenas os países, mas todos os consumidores em cada país têm preferências idênticas e homotéticas. Isto é, assumimos que a sociedade pode maximizar seu bem-estar como se fosse um indivíduo e que um maior nível de bem-estar para a sociedade implica um maior nível de bem-estar para cada indivíduo nessa sociedade (...)
6. A balança comercial dos dois países está sempre em equilíbrio.
7. Não existe reversão na intensidade de uso dos fatores para o mesmo produto internacionalmente” (GONÇALVES *et alli*; 1998, p. 19-23)⁷.
- 8.

Sobre este mesmo modelo, observa-se que a diferença de recursos, isto é, de disponibilidade de fatores de produção, é a fonte de comércio entre os países:

Esse modelo mostra que as vantagens comparativas são influenciadas pela interação entre recursos da nação (abundância relativa dos fatores de produção) e a tecnologia da produção; que influencia a intensidade relativa com a qual fatores diferentes de produção são usados nas produções de bens diferentes. (KRUGMAN e OBSTFELD, 2000:70).

Estes autores mostram que a teoria Heckscher-Ohlin enfatiza um mecanismo entre proporções de fatores nas quais fatores diferentes de produção estão disponíveis em países diferentes, e estes fatores são utilizados para produzir bens diferentes. É por isto que, segundo estes autores, esta é chamada de teoria de proporção de fatores.

2.1 DETERMINANTES DE PADRÕES DE COMÉRCIO – BRASIL E UNIÃO ECONÔMICA E MONETÁRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL - UEMOA

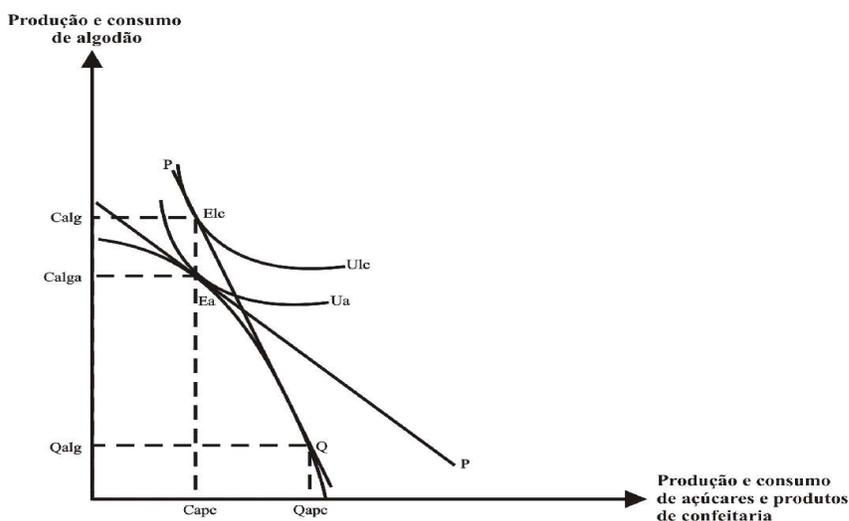
A análise feita sobre as determinantes de padrões de comércio levaram em consideração os principais produtos da pauta de exportação e importação entre o Brasil e a UEMOA entre os anos de 1996 a 2005. Açúcares e produtos de confeitaria representam o principal produto que o Brasil exporta para o UEMOA e importa desse, principalmente o algodão⁸.

A abertura do mercado ao comércio exterior faz com que o preço de equilíbrio não seja mais determinado pela oferta e demanda doméstica. Os preços relativos de

cada produto ajustam-se agora para equalizar a oferta e a demanda da economia mundial⁹. A figura 1 mostra o equilíbrio de autarquia E_a e o equilíbrio de livre comércio E_{lc} . A linha P^* mostra os preços relativos¹⁰ de equilíbrio em escala mundial. Os preços relativos de livre comércio P^* diferem dos preços relativos de autarquia P . A produção doméstica será aquela em que a reta P^* é tangente à curva de possibilidade de produção doméstica, que é dado pelo ponto Q , ainda na mesma figura. O consumo doméstico é dado pelo ponto da tangência E_{lc} da curva da indiferença U_{lc} , com a linha orçamentária, que é de fato a linha de preços relativos P^* .

No modelo esta economia produz uma quantidade Q_{apc} de açúcares e produtos de confeitaria e Q_{alg} de algodão, consumindo $Capc$ e $Calg$ desses produtos. Nota-se que nesse caso a economia, ou seja, a brasileira, exporta açúcares e produtos de confeitaria e importa algodão. Sua exportação é equivalente a $Q_{apc} - Capc$. O consumo de algodão dessa economia é igual a $Calg$. Verifica-se que o consumo de açúcares e produtos de confeitaria não se altera da posição de autarquia para a de livre comércio; no entanto, o consumo de algodão aumenta de $Calg_a$ para $Calg$. O ganho da abertura ao comércio exterior foi, portanto, equivalente, nesse caso, ao quadrilátero $Calg.E_{lc}.Calg_a.E_a$, o que significa um aumento de bem-estar dos consumidores da UEMOA, da curva de indiferença comunitária U_a para a curva de indiferença comunitária U_{lc} .

Figura 1: Equilíbrio em livre comércio da economia brasileira em relação à UEMOA.



Fonte: Gonçalves et alli (1998), e adaptado pelo os autores.

A relevância do teorema de Heckscher-Ohlin, de acordo com Gonçalves et alli (1998), é determinada pelas hipóteses seis e sete, referidas anteriormente. O autor considera a hipótese seis pouco realista, já que tenta demonstrar os efeitos do comércio na economia real, onde a balança de pagamento não equilibrada causaria alterações no estoque da riqueza, através do movimento de capitais, o que permitiria que uma parte do consumo doméstico fosse financiada por empréstimos, alterando assim, o ponto de equilíbrio de livre comércio.

A última hipótese, que os autores consideram de grande importância, impõe uma séria limitação ao modelo, que seria válido apenas sob as seguintes condições:

Ela implica que não apenas os países usem a mesma tecnologia, mas que uma mercadoria que seja produzida de uma forma capital-intensiva domesticamente também o seja no exterior. Mas, se os processos produtivos são independentes, não há nada que garanta que os fatores de produção não sejam usados de forma reversa na mesma curva de possibilidade de produção.” (GONÇALVES et alli, 1998, p.24)

Sobre determinantes de padrões de comércio, no tocante ao trabalho, Caves et alli, (2001), consideram que o país com abundância relativa de trabalho (S) deve produzir uma quantidade maior da mercadoria intensiva em trabalho¹¹ – no caso desses países compartilharem a mesma tecnologia e tiverem razões de dotações suficientemente próximas, para que os preços dos fatores sejam equalizados pelo livre comércio. Porém, Krugman e Obstfeld (2001:5), relacionam os padrões de comércio a uma interação entre as ofertas relativas dos recursos naturais como, capital, trabalho e terra de um lado; e o uso relativo desses fatores na produção de diferentes bens.

Por exemplo, supondo que o Brasil e os países da UEMOA produzam açúcares/produtos de confeitaria e algodão respectivamente, que ambos têm o mesmo acesso à tecnologia, tanto para açúcares/produtos de confeitaria como para algodão. Entretanto, no Brasil, os produtores preferem usar relativamente pouca mão-de-obra e muito equipamento, enquanto que, nos países da UEMOA, a produção é feita com relativamente muita mão-de-obra e pouco equipamento. Para os produtores brasileiros a intensidade do uso do capital na produção de açúcares/produtos de confeitaria será maior que para a produção de algodão. Já para os da UEMOA será o inverso. Neste

exemplo, o padrão de comércio entre os dois países ficaria indeterminado, o modelo Heckscher-Ohlin não seria aplicável já que os processos produtivos são independentes.

2.2 CONCEITO DE VULNERABILIDADE

O processo de globalização, como enfatiza Gonçalves, tem levado a um sistema mais complexo de interdependências entre economias nacionais.

(...) Esse sistema complexo de interdependências continua significativamente assimétrico, de tal forma que é possível falar de 'vulnerabilidade unilateral' por parte da grande maioria de países do mundo que têm uma capacidade mínima de repercussão em escala mundial. Isto é, um país que tem vulnerabilidade unilateral é muito sensível a eventos externos e sofre de uma forma significativa as conseqüências de mudanças no cenário internacional, enquanto os eventos domésticos desse país têm impacto nulo ou quase nulo sobre o sistema econômico mundial. (GONÇALVES *et alli* 1998, p. 157-158).

Para os autores, a vulnerabilidade externa significa uma baixa capacidade de resistência das economias nacionais diante de fatores desestabilizadores como choques externos¹². Segundo Jones (1995) apud Gonçalves (1998), a vulnerabilidade tem duas dimensões igualmente importantes: a primeira envolve as opções de resposta com os instrumentos de política disponíveis, e a segunda incorpora os custos de enfrentamento ou de ajuste em face dos eventos externos.

Segundo Gonçalves *et alli* (1998, p.157-158), "os países em desenvolvimento têm como atributo à vulnerabilidade externa que, de fato, tem sido parte integrante do processo histórico desses países, inclusive aqueles que se livraram fortemente, a mais de um século, de laços coloniais".

Para Rocha (2005), muitos destes países em desenvolvimento apresentam uma economia fortemente desindustrializada, onde existe uma excessiva concentração dos produtos primários na sua pauta de exportação. Appleyard e Field (2001), apud Rocha (2005), exemplificam alguns países em desenvolvimento onde 50% dos ganhos provenientes das exportações dependem de uma única *commodity*¹³ primária (exceto petróleo e derivados): São Tomé e Príncipe (cacau), Burundi, Etiópia, Uganda (café), Mauritânia (minério de ferro) e Malawi (tabaco). Todaro (1994) aprofunda esta análise demonstrando que em muitos países em desenvolvimento, além destes terem suas

exportações fortemente baseadas em produtos primários, seus PIB's dependem dos ganhos provenientes das exportações, a exemplo de Togo, ver tabela.1. país membro do UEMOA, onde os ganhos de exportação representam 43,2% do PIB e a participação de *commodities* primária é de 91%, enquanto a manufatura representa apenas 9%. O autor enfatiza a significativa dependência desses países relativamente às *commodities* primárias como sendo fator decisivo na ocorrência de déficits em sua balanças comerciais, por outro lado, a instabilidade de preço externo de tais produtos impede a adoção de estratégias de desenvolvimento eficientes a longo prazo.

País	Ganho de exportação como % do PIB	Participação de <i>commodities</i> primárias no total exportado (%)	Participação de manufaturas no total exportado (%)
Togo	43,2	91	9
Jamaica	34,0	42	58
Sri Lanka	27,4	53	47

Quadro 1 – Dependência econômica de PVD's em relação aos produtos primários – dados de 1990.
 Fonte: Rocha (2005) apud Tadaró (1994: 416)

2.3 ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO

O índice de concentração utilizado corresponde à medida que permite comparar a evolução do grau de concentração de pauta de exportação e importação em certos produtos no tempo conforme proposto por Kon (1994), apud Noce, (*et alli*, 2005).

Nellis e Parker (2002) dividem os índices de concentração em duas categorias: índices de concentração simples e índices de concentração incluindo a participação no mercado.

- a) **Índices de concentração simples:** representam quanto do mercado é suprido por determinado número de produtos.
- b) **Índices de concentração incluindo a participação em produto:** é freqüentemente utilizado para avaliar o grau de participação de um produto em pauta de exportação e importação, embora não diga nada a respeito das diferentes participações de produto dos maiores produtores. Nellis e Parker

(2002) apresentam, como abordagem alternativa, no processo de avaliação do grau de participação, o *Índice de Herfindahl-Hirschman* (HHI, Herfindahl-Hirschman Index). De acordo com Noce (et alli, 2005) o índice é definido pela soma dos quadrados da participação de cada na pauta de exportação e importação entre Brasil e UEMOA, de uma forma que aumenta a medida que intensifica a concentração.

$$\text{Índice de Herfindahl-Hirschman} = \sum_{i=1}^n S_i^2$$

Onde “S” representa a participação do produto na pauta de exportação e importação e “i” a “n” representa os produtos presentes na pauta.

Nellis e Parker (2002) observam que quanto mais alto for HHI, maior será o grau de participação do produto na pauta de exportação e importação, pois o seu valor é afetado pela existência de um pequeno número de produtos e/ou participações de produtos muito desiguais. O HHI é um tipo de índice de concentração.

3 APRESENTAÇÃO/ ANÁLISE DOS DADOS

A pauta das exportações e importações brasileiras para os países da União Econômica Monetária Oeste Africano (UEMOA), nos anos 1996 a 2005 evolui de forma diferenciada. O total de produtos exportados (Gráfico A, apêndice) cresceu continuamente, ao contrário dos produtos importados (Gráfico B, apêndice).

No período analisado, os produtos que tiveram a maior participação na pauta de exportação foram açúcar e produtos de confeitaria; ferro fundido e ferro e aço; e gorduras, óleo e ceras, animais ou vegetais, etc, (Tabela 4 apêndice). Para os da importação destaca-se algodão com mais de 79% de total importado, seguida de cacau e suas preparações, e finalmente pelos de sal, enxofre, terra, pedra, gesso, cal, cimento, etc, (Tabela 5 apêndice).

3.1 CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Como se pode observar (Tabela 1 , apêndice), o açúcar é o principal produto na pauta e houve uma queda entre o início e o final do período analisado, mas com consideráveis flutuações durante o período, variando em torno de - 0.71 % em 2000 e + 3,09 % no ano seguinte. Isso reflete fortemente a influência dos preços externos para esse produto (cf. Montalván, 2005: 33): Já para o caso de ferro fundido, ferro e aço, nos primeiros cinco anos tiveram o crescimento modesto cuja média girava em torno de 0.40 %, (Tabela 2 apêndice). Pois no ano 2001 a exportação de ferro fundido e de ferro e aço cresceu 318.17%, embora nos anos seguintes registra leve queda mas a média foi um crescimento de 1.18%. No caso, das gorduras, óleo e ceras, animais ou vegetais, a taxa de crescimento apresentou variação média geral de 1.17 %, embora no ano de 1998 houve o maior crescimento de 6.92 %, também verificaram queda leve de menos 0.87% em 1999.

Os produtos importados (Tabela 2 apêndice) apresentaram crescimentos totais diferentes. O algodão foi o principal produto na pauta de importação até 2001, e seu crescimento médio foi de - 0.48 %. O cacau e suas preparações começaram a ser mais importados em 1999, crescem em torno de 27% no mesmo ano, entretanto no período seguinte tiveram crescimento variado e a média dos últimos seis anos foi de - 0.043%. Por outro lado, o grupo sal, enxofre, terra, pedra, gesso, cal, cimento, etc, teve crescimento variado, houve a queda de 0.63% em 2005, mas também, em 2005 foi um dos principais grupos de produtos na pauta de exportações. O comportamento destes produtos pode ser verificado no gráfico abaixo:

3.2 PARTICIPAÇÕES DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Como foram apontadas e explicadas a respeito dos efeitos da participação das exportações e importações sobre o crescimento nas economias dos países em desenvolvimento, as tabelas 3 e 4 respectivamente, apresentam os resultados e o índice da participação dos produtos na sua respectiva pauta.

Quanto ao grau de participação dos produtos exportados, o índice indicou uma significativa participação das exportações de poucos produtos durante o período

analisado, a média dos três principais produtos (tabela 3) é de 50.3%. Nos primeiros anos, ou seja, até o ano de 2000, este índice situava -se a - 50%, já nos últimos cinco anos a concentração intensificou-se ultrapassando este valor.

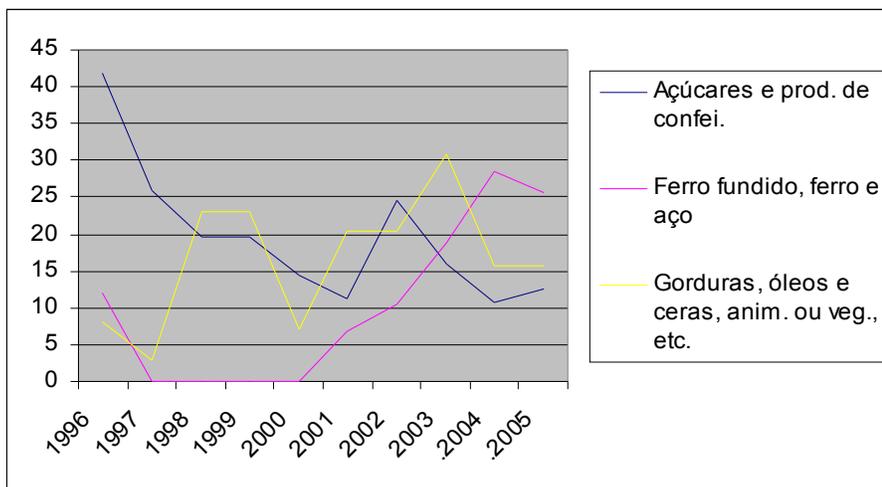


GRÁFICO 1 - Participação (%) Dos Principais Produtos Da Pauta De Exportações Brasil- UEMOA 1996 a 2005

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Com respeito à participação de produtos importados dos países da UEMOA, o algodão figura como o principal produto na pauta de importação (Tabela 4 apêndice) até o ano de 2001, neste ano a participação média foi de 79 % e, no ano de 1998 teve a participação máxima de 94.44%. Este aumento é explicado pelas seguintes razões: no Brasil surgiu a praga “bicuda do algodoeiro”, exatamente em 1983, que se instalou nos algodoeiros dos Estados da Paraíba e São Paulo, e se espalhou com muita rapidez para outros campos de cultivo salienta Nordeste Rural, (2007) Isso provocou mudanças no trabalho de melhoramento do cultivo e fez com que uma crise se instalasse no setor. De acordo com Nordeste Rural, a mudança na política de crédito rural, que dificultou o acesso de pequenos produtores, contribuiu para o alastramento do problema. Houve ainda o problema (em 1991) com o câmbio defasado, que favoreceu a importação de grandes volumes de algodão, a prazos longos até 1997 onde verificou – se o déficit comercial da cadeia têxtil que chegou a US\$ 1,1 bilhão. A recuperação da produção brasileira o setor provocou a queda das importações para os países da UEMOA, que em 2005 chegou a 0 % Exemplo da recuperação da produção brasileira de algodão. As exportações anuais atingiram 390 mil toneladas de pluma ao ano e o potencial de

expansão para plantação foi de quatro milhões de hectares. (NORDESTE RURAL, 2007).

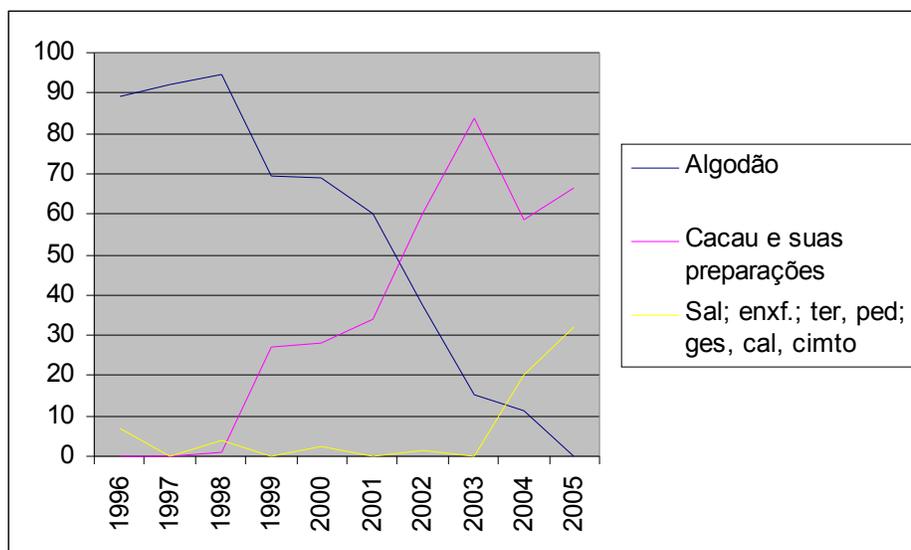


GRÁFICO 2 - Participação (%) dos Principais Produtos na Pauta de Importações Brasil para UEMOA 1996 a 2005.

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Após a violenta queda da participação do algodão, o grupo cacau e suas preparações passou à primeira posição (Tabela 4) e sua maior participação foi de 83.9% no ano de 2003. Finalmente, nos anos de 2004 e 2005, a participação do grupo sal, enxofre, terra, pedra, gesso, cal, cimento, foi de 20.33% e 32% respectivamente, que quando comparados aos valores do algodão no mesmo ano, mostra a maior participação do primeiro.

3.3 ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Tendo em conta a análise das pautas de exportação e importação, o resultado mostra um alto índice de concentração tanto para as exportações quanto para as importações, embora estas últimas apresentem uma maior concentração quando comparada à das primeiras ver a (Tabela 5 do apêndice). Entre os anos de 1996 a 2000, a concentração da exportação foi baixo em relação ao resto dos anos. Os valores dos dois primeiros anos são 0.2090 e 0,1194 respectivamente. Em 1998 houve

o mais baixo índice do período (0.005), já em 2000 registrou - se a mais concentração (0,1184). Como pode-se constatar no Gráfico 3, os valores são altamente concentrados até o final do 2005, com destaque para os anos de 2001 e 2003 (0.1627 e 0.1589, respectivamente) .

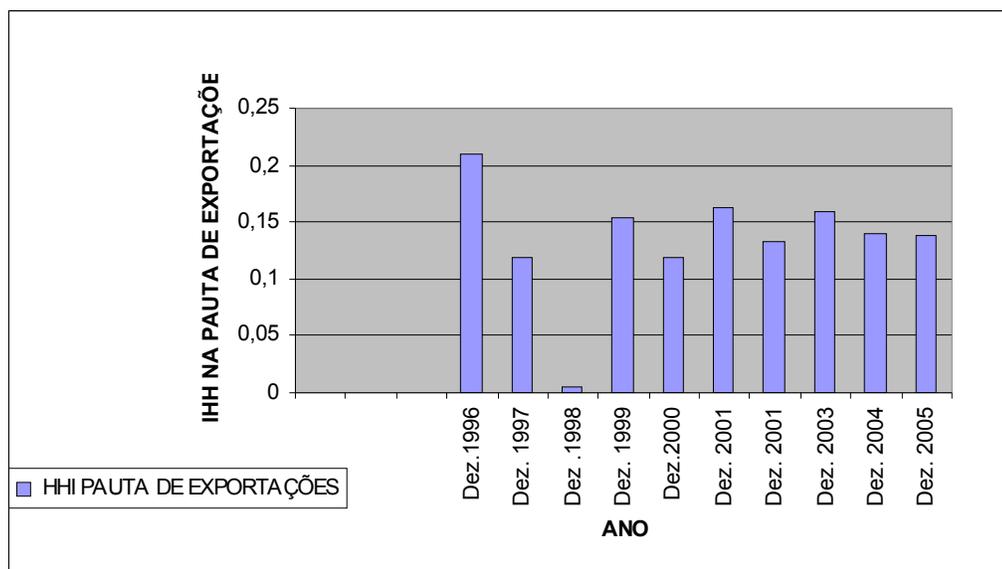


GRÁFICO 3 - Produtos Na Pauta De Exportações Brasil Para UEMOA 1996 A 2005.

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Comparando estes valores com os das exportações por produto do México em 2005 (Gráfico C, apêndice), os países que os mexicanos possui elevada concentração das exportações por produtos são Cingapura (2.025), Malásia (1,1778) e até mesmo Brasil 461 (relatório de IEDI).¹⁴ Estes valores são baixos em relação aos do Brasil com os países da UEMOA.

Para os produtos importados da UEMOA, a concentração se intensifica ainda mais: 0.8132, 0.8845 e 0.8940 nos anos 1996, 1997 e 1998 ver (o gráfico abaixo).

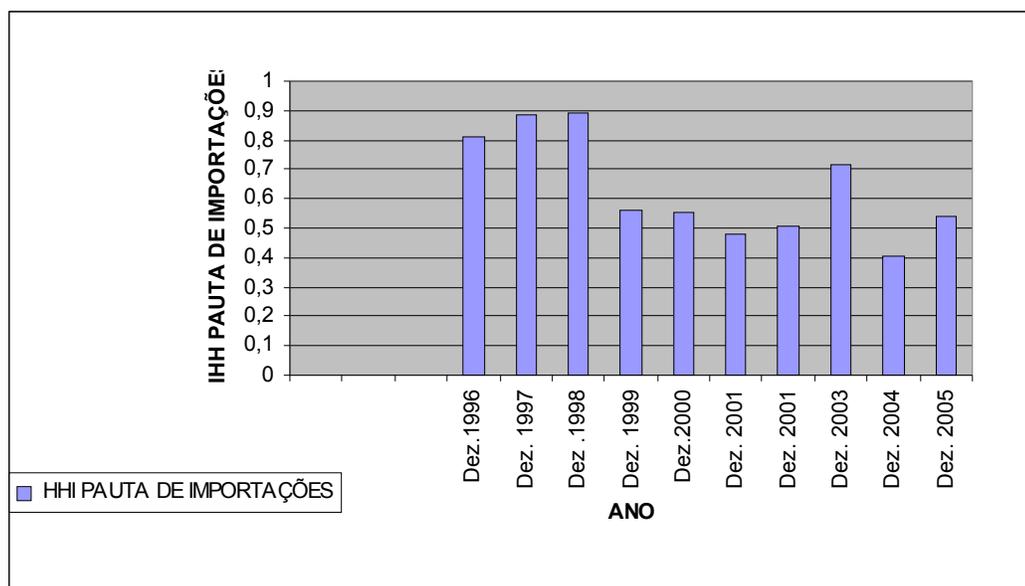


GRÁFICO 4 – IHH - Produtos Na Pauta De Importações Brasil Para UEMOA 1996 A 2005.

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

O gráfico 5 registra dois período de maior concentração 1,9712 e 1,8665 nos anos de 1997 e 1998. Esses resultados da elevada grau de concentração total dos produtos importados da UEMOA, reafirmam a hipótese que maioria dos países em desenvolvimento apresenta a pauta de exportações restrito ao pouco produto, a exemplo disso, no trabalho se verificou tal premissa. Porque os produtos exportados da UEMOA para Brasil restringe se no Algodão e Cação e suas preparações.

4 CONCLUSÕES

No presente estudo foi feita uma análise sobre a concentração das exportações e importações nas relações comerciais do Brasil – UEMOA e foram identificadas uma forte concentração em poucos produtos primários tanto para os produtos exportados pelo Brasil quanto para os exportados pela da UEMOA.

Os produtos que mostraram maior concentração nas exportações brasileiras foram açúcar e produtos de confeitaria; ferro fundido e ferro e aço; e gorduras, óleo e ceras, animais ou vegetais. Para a UEMOA, foram o algodão (com mais de 79% de

total importado), seguido de cacau e suas preparações, finalmente os de sal, enxofre, terra, pedra, gesso, cal, cimento.

Comparando os resultados da análise com os índices IHH dos produtos exportados por diferentes países, concluiu-se que as exportações dos países da União Econômica Oeste Africana para Brasil apresentam alto grau de concentração e se dão com base nos produtos primários. Assim, o trabalho levanta evidências que eleva grau de crença na hipótese de que os países da UEMOA, apresentam forte concentração das pautas de importações e exportações em poucos produtos primários, estando portanto sujeitos a significativa vulnerabilidade a choques externos. Mudanças significativas dos preços e/ou disponibilidade dos produtos em questão podem perturbar o comércio exterior desses países. E dado o peso deste comércio no PIB, podem implicar profunda volatilidade ao produto, emprego e termos de troca dos mesmos, afetando sobremaneira a qualidade de vida de suas populações.

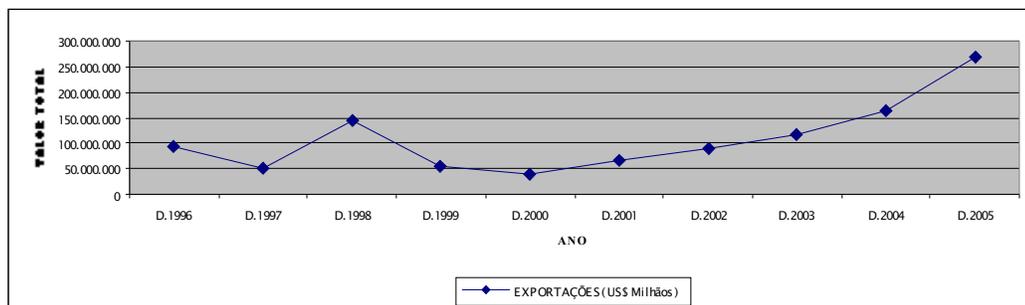
A análise do presente estudo não compreendeu as relações comerciais de cada país que compõe a UEMOA separadamente, nem tampouco os preços de produtos. Tais limitações serão objeto dos estudos posteriores.

5 REFERÊNCIAS

- APPLEYARD, D e FIELD, A. International Economics. New York: McGraw Hill-irwin. 2001, 4ªed.
- BLACK, J. A Dictionary of Economics. Oxford: Oxford University Press, 2002, 2ª edição.
- CAVES, R., FRANKEL, J., JONES, R. Economia Internacional: comércio e transações globais. São Paulo: Saraiva, 2001.
- Dados sobre o Comércio Exterior brasileiro. Disponível: www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br. Acesso: em 20/03/2006.
- GONÇALVES, R., BAUMANN, R., CANUTO, O., PRADO, L. A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira - Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- INSTITUTO DE ESTUDO PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. Carta IEDI nº 234 – Queremos ser o México ? Disponível em:<<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=listapalavra&1=130-70k>> Acesso em: 28/03/2007.
- KON, A. Economia Industrial. São Paulo: Nobel, 1994.
- KRUGMAN, P. OBSTFELD, M. Economia Internacional – Teoria e Política . São Paulo: Makron Books, 2001, 5ª ed.
- MEADE, J. A Geometry of International Trade. Londres: Allen and Unwin, 1952.
- MONTALVÁN, D. Exportações do Rio Grande do Norte: e Trutura, Vantagens Comparativas e Comércio Intra-Indústria no período 1996 a 2005. Monografia, Natal, UFRN, 2005.
- NELLIS, J., PARKER, D, Princípios de Economia para os Negócios . São Paulo: Futura, 2003.
- NOCE, R., SILVA, M., CARVALHO, R. e SOARES, T. “Concentração das exportações no mercado internacional de madeira serrado”. In: Revista Árvore, v. 29, n.3, 2005.
- _____. Nordeste Rural: A cultura do algodão no Brasil entre crises e retomada de crescimento. 06.03.2007. Disponível em:<<http://www.nordeste rural.com.br/nordeste rural/matler.asp?newsId=4402>> Acesso: 25/03/07
- POMFRET, R. International Trade: an Introduction to Theory and Policy. Oxford: Blackwell, 1993.
- ROCHA , A. (2005) “Salários, relações setoriais e custos de comércio internacional como fatores determinantes do investimento industrial nos países em desenvolvimento”. In: Revista de Economia e Administração “. Vol. 4, n.2, 2005. São Paulo.
- TODARO, M. Economic Development. Essex: Longman Group Uk Limited, 1994, 5ª ed.
- VARIAN, R., Microeconomia: Princípios básicos . Rio de Janeiro : Campus: 2000, 5ª edição.

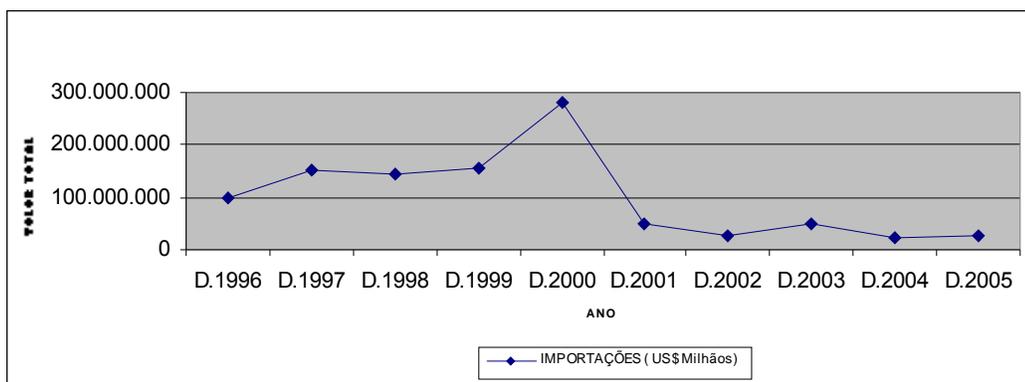
b. APÊNDICES

c. GRÁFICO A – Evolução Total da Pauta das Exportações Brasil Para UEMOA 1996 A 2005.



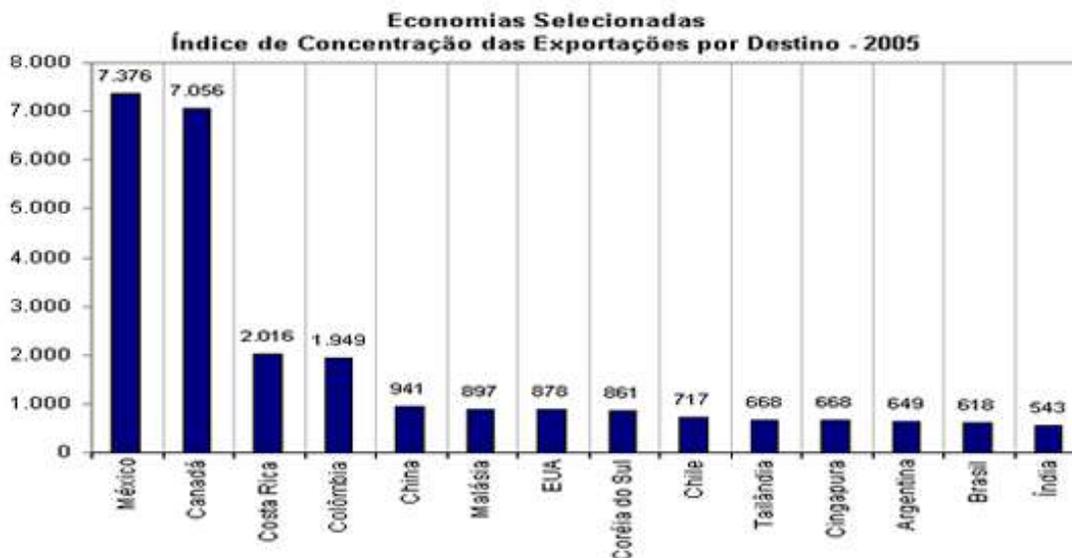
Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelo autores

d. GRÁFICO B – Evolução Total da Pauta das Importações Brasil Para UEMOA 1996 A 2005



Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

GRÁFICO C.



Fonte: IEDI

Tabela 1 - Crescimento da Exportação Brasil Para UEMOA 1996 A 2005

ANOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	.2004	.2005
Açúcares e prod. de confei.	0	-0,66	-0,17	0,71	-0,71	3,09	-0,04	-0,25	0,07	0,93
Ferro fundido, ferro e aço	0	-1,00	0,00	0,01	-0,99	318,79	1,74	1,38	1,14	0,46
Gorduras, óleos e ceras, anim. ou veg., etc.	0	-0,78	6,92	-0,86	0,50	2,62	0,80	0,99	-0,28	0,62

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Tabela 2 - Crescimento da Importação Brasil Para UEMOA 1996 A 2005

ANOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	.2004	.2005
Algodão	0	0,56	-0,03	-0,20	-0,21	-1,89	-0,64	-0,28	-0,65	-1,00
Cacau e suas preparações	0	0	0	27	0	-1,22	0,00	1,36	-0,65	0,25
Sal; enxf.; ter, ped; ges, cal, cimto	0	0	1	-1	0	0,86	-0,63	-1,00	0,00	0,73

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Tabela 3 - Participação (%) dos Principais Produtos da Pauta De Exportações Brasil- UEMOA 1996 a 2005

ANOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	.2004	.2005
Açúcares e prod. de confei.	41,9	26	19,56	19,56	14,42	11,21	24,7	15,95	10,6	12,58
Ferro fundido, ferro e aço	12	0	0	0	0	6,87	10,5	18,86	28,52	25,64
Gorduras, óleos e ceras, anim. ou veg., etc.	8	3	23	23	7	20,37	20,52	30,87	15,62	15,58

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Tabela 4 - Participação (%) dos Principais Produtos da Pauta de Exportações Brasil- UEMOA 1996 a 2005

ANOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	.2004	.2005
Algodão	89,1	92,21	94,44	69,59	68,92	60,26	37,33	15,13	11,33	0
Cacau e suas preparações	0	0	1	27	28	34,14	60,33	83,9	58,76	66,27
Sal; enxf.; ter, ped; ges, cal, cimto	6,68	0	4,18	0	2,6	0,06	1,47	0	20,33	32

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos autores

Tabela 5 O Indicador de Concentração das Exportações e Importações:

Índice Herfindahl - Hirschman										
ANOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
HHI das										
Exportações	0,209	0,3331	0,4146	0,3969	0,1929	0,6008	1,0389	1,8989	3,6615	9,6884
ANOS	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
HHI das										
Importações	0,8132	1,9712	1,8665	0,594	0,5519	0,481	0,1628	0,6764	0,4029	0,6598

Fonte: MDIC/SECEX, Sistema ALICE: Elaborado pelos os autores

¹ União Econômica Monetária Oeste Africana (Benin, Burkina-Fasso, Costa de Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Niger, Senegal e Togo).

² MDIC/SECEX.

³ Isto quer dizer não existe na economia um fator de produção que seja utilizado em apenas um setor ("setor específico").

⁴ Varian, R. (2000 : 316), quando temos uma curva de oferta perfeitamente vertical, ou seja, há uma quantidade dada de cada fator.

⁵ Varian, R. (2000 : 347), Diz-se que existem retornos constantes de escala quando, ao multiplicar por uma escala genérico λ a quantidades de todos os fatores de produção empregados na produção de um certo produto, a quantidade produzida deste também é multiplicado por λ .

⁶

De acordo com o autor citado, o adjetivo homotético é derivado do substantivo homotetéia, que em geometria é a propriedade de figuras semelhantes e semelhantemente dispostas. Observa-se que como o preço L e L^* em autarquia depende não apenas da oferta, mas também da demanda, as preferências idênticas e homotéticas, em conjunto com a premissa de tecnologia idênticas, garantem a consistência da premissa anterior.

⁷ É importante também frisar que o modelo supõe perfeita utilização dos fatores de produção capital e trabalho, isto é ausência de desemprego involuntário e capacidade ociosa não – planejada (sem o que a economia não se localizaria na sua curva de possibilidade de produção). Isto exige, por sua vez, perfeita flexibilidade de preços e salários.

⁸ Vide dados em anexo.

⁹ Gonçalves *et al i* (1998:23) *apud* James Meade (1952), e Pomfret (1993:28-34). Nota-se que uma economia é definida como pequena quando sua oferta e demanda doméstica não afetam os preços mundiais.

¹⁰ Isto é, a razão entre o preço mundial do algodão e o preço mundial do açúcar/produtos de confeitaria.

¹¹ Isto é, da mercadoria cuja produção incorpora uma técnica de produção caracterizada por uma relação capital/trabalho relativamente baixa.

¹² De acordo com Black (2002:427), um choque constitui um "evento que é diferente em importante medida do esperado, ou do que poderia ser razoavelmente esperado no contexto da informação disponível". O choque é externo quanto tem origem na economia de outros países, e não do país sobre análise.

¹³ Para Sandroni, P. (2004 : 112 – 113), o termo significa literalmente "mercadoria" em inglês. Nas relações comerciais internacionais, o termo designa um tipo particular de mercadoria em estado bruto ou primário de importância comercial, como é o caso do café, do chá, da lã, do algodão, da juta, do estanho do cobre etc.

¹⁴ Instituto de Estudo para o Desenvolvimento Industrial (Brasil).